



Fotografia, Etnografia e Festa: Um Olhar Sobre a Festa de Santo na Comunidade São Gonçalo Beira Rio – Cuiabá/MT¹

Andressa Mirelli MONÇALE²
Benedito Dielcio MOREIRA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Este trabalho apresenta a Comunidade São Gonçalo Beira Rio através de um olhar fotoetnográfico. Traz imagens que representam a fé, devoção e propagação dos costumes de uma comunidade tradicional, com valores difundidos principalmente pela oralidade. Contém, ainda, uma descrição do local, discorre a respeito das particularidades de seus moradores e sua história, incluindo a história do santo que dá nome ao lugar e informações a respeito da tradicional festa em homenagem ao santo padroeiro, que ocorre anualmente. Esta festa é um exemplo da importância da valorização das tradições culturais e religiosas, pois representa a perpetuação da memória e das ricas raízes históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade São Gonçalo Beira Rio; Cultura Popular; etnografia; fotoetnografia; fotografia.

TEXTO DO TRABALHO

Este trabalho utiliza a fotografia como documento de disseminação da cultura regional, relacionando a fotografia documental com a etnografia. Partindo da captação da rotina dos moradores da comunidade São Gonçalo Beira Rio – população pioneira de Cuiabá/Mato Grosso – dando destaque ao contexto da tradicional festa de santo padroeiro, por meio da observação participante.

Observação participante é uma das técnicas do método da etnografia, em que se captam as significações e as experiências subjetivas dos próprios intervenientes no processo de interação social. Possuindo o investigador um contato direto, frequente e prolongado com o objeto pesquisado e os seus contextos.

A etnografia é o método utilizado pela antropologia na recolha de dados, que consiste no estudo de um objeto por vivência direta da realidade onde este se insere. As ações humanas ou fenômenos são carregados de significados sociais que não podem ser compreendidos fora de seu contexto cultural, ou seja, “o significado é sempre construído culturalmente” (GEERTZ, 1989).

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Radialismo da UFMT, email: andressa_mirelli@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da UFMT, email: dielciomoreira@yahoo.com.br



Ao utilizar a técnica de observação participante, foi possível uma maior aproximação da rotina da comunidade São Gonçalo Beira Rio, possibilitando um contato direto no cotidiano domiciliar e comunitário, obtendo assim informações sobre a realidade dos atores em seus próprios contextos.

Percebemos que, desde o início, os fotógrafos tem um interesse especial por lugares distantes, povos exóticos, um interesse pelo mundo social. A sociedade quer ver outras culturas e a ciência quer saber mais sobre elas. Na verdade, a fotografia ajuda a aprofundar a análise antropológica, quando bem feita esteticamente, podendo assim facilitar a interpretação e análise de alguns significados do objeto estudado. (ANDRADE, 2002, p. 56).

A produção de fotografias etnográficas contribui para a reconstituição da história cultural de grupos sociais e para uma melhor compreensão dos processos de transformação na sociedade. Em razão de seu caráter cultural, a fotografia, seja extraída de arquivos ou fruto de trabalhos de campo, pode e deve ser utilizada como fonte de conexão entre os dados da tradição oral e a memória dos grupos estudados, premissa defendida por Novaes (1998).

A análise etnográfica da comunidade através da fotografia permite, mesmo que através de uma transversalidade estática da imagem, transmitir a essência da vivência e dos modos de vida desta população.

A Comunidade São Gonçalo Beira Rio possui papel importante na história do estado de Mato Grosso; Cuiabá era um povoado, fundado entre 1673 e 1682 por Manoel de Campos Bicudo, nas proximidades do rio Coxipó. Em 1718, o local estava abandonado e Pascoal Moreira Cabral, que buscava indígenas, subiu pelo rio Coxipó lutando com os índios coxiponés. Com a descoberta do ouro pelos bandeirantes paulistas, houve a desistência da captura de índios e a dedicação ao garimpo. O garimpo deu origem à povoação, recebendo o nome de Arraial da Forquilha, atual distrito do Coxipó do Ouro, então subordinada à capitania de São Paulo.

Em oito de abril de 1719, Pascoal Moreira Cabral assinou a ata de fundação da localidade de São Gonçalo Velho, hoje comunidade São Gonçalo Beira Rio. Na então Gonçalo Velho, estava localizado o porto de comunicação entre as minas de ouro e a Capitania, onde também foi construída a capela de São Gonçalo. Segundo relatos de moradores, uma imagem pequena do santo que deu origem ao nome do bairro foi encontrada dentro do rio por um dos primeiros ocupantes da área.

Após três anos, a população foi atraída para onde é hoje o centro de Cuiabá em razão das descobertas de novas jazidas, as "Lavras do Sutil", nas proximidades do



córrego da Prainha e da colina do Rosário, onde está situada a igreja do Rosário. Logo, o porto foi transferido para o atual bairro do Porto, onde ergueram uma nova capela de São Gonçalo, em 1781.

Em 1º de janeiro de 1727, Cuiabá foi elevada à vila passando a se chamar Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, e elevada à cidade em 17 de setembro de 1818. No entanto, a sede da capitania, porém, ainda era a Vila Bela da Santíssima Trindade, distante 500 km. de Cuiabá. Somente em agosto de 1835, Cuiabá tornou-se capital da província de Mato Grosso, que se transformou em Estado com a proclamação da República, em 1889.

Em 1914, foi montada nas proximidades do povoado, a Usina de São Gonçalo, com produção de açúcar e álcool, o que promoveu o crescimento daquela população. A partir da primeira metade do século XX, teve início o êxodo rural, por causa da decadência da usina de São Gonçalo e também pelo desgaste do solo na região.

No entanto, com essa decadência da produção açucareira em Mato Grosso na década de 30, somada a existência de argila abundante às margens do rio Cuiabá e nas várzeas, propiciou a comunidade mudar seu meio de subsistência para o artesanato de cerâmica.

No final da década de 1960 do mesmo século, a comunidade foi agrupada à área urbana de Cuiabá, e foi denominada de bairro São Gonçalo Beira Rio, e os terrenos em torno de São Gonçalo foram loteados, tornando-se novos bairros.

Entre 1970 e 1980 a cidade voltou a crescer com serviços e infraestrutura. O agronegócio se expandiu fortemente e a partir daí a cidade passa a se modernizar e a se industrializar. A partir de 1990, o turismo começou a ser fonte de renda e a cidade passou novamente a crescer.

O tombamento⁴ municipal, em dezembro de 1992, declarou o bairro de São Gonçalo área prioritária para estímulo à produção e à comercialização da cerâmica artesanal, como uma das mais antigas e tradicionais manifestações culturais do município de Cuiabá, e a festa de São Gonçalo como manifestação popular de interesse para o patrimônio cultural do município de Cuiabá.

⁴ Conjunto de ações realizadas pelo poder público, com o objetivo de preservar, através da aplicação de legislação específica, bens culturais de valor histórico, artístico, arquitetônico, arqueológico e ambiental, de interesse para a população, impedindo que venham a ser demolidos, destruídos ou mutilados.

No aglomerado urbano Cuiabá - Várzea Grande, a comunidade de São Gonçalo representa o grupo mais significativo em termos de preservação das tradições mato-grossenses. Ainda hoje, suas características e costumes são transmitidos pela oralidade.

Desde os tempos mais remotos, o método oral é utilizado pelos povos para transmissão de suas tradições culturais. No entanto, com o advento da cientificidade, a partir do século XVII, o testemunho oral foi gradativamente desvalorizado e intitulado de menor relevância nos meios científicos. Mas, é fato que tanto a escrita quanto a oralidade são condições indispensáveis para a tradição e, apesar da polêmica que envolve o uso da história oral para fins documentais, ela continua sendo a metodologia mais adequada quando se trata de estudar a cultura popular, posto que a documentação escrita sobre o assunto é deveras escassa. Além disso, a tradição oral está muito presente no cotidiano dos criadores da cultura popular, já que esta cultura aparece como uma dimensão da experiência simbólica e é interiorizada como um saber natural.

Atualmente a comunidade busca o fortalecimento e o reconhecimento, promovendo festas, em sua maioria religiosa, como a Festa de São Gonçalo; e ainda possui grupos de siriri, dança típica da região Centro-Oeste do Brasil.



Figura 1. Igreja de São Gonçalo da Comunidade
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

A comunidade conta com uma única igreja local, destinada a missas, novenas, batizado e casamento. Atrás da igreja localiza-se uma loja de artesanatos, onde são vendidas as cerâmicas feitas pelos moradores. Entre a loja e a igreja existe o barracão e uma cozinha utilizados, principalmente, nos dias de festividades. Esta proximidade facilita a integração dos participantes e organizadores.



Figura 2. Interior da igreja
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

O altar da igreja possui pinturas referindo-se ao céu com anjos bailando, ao centro a imagem de Jesus crucificado e no lado esquerdo o santo que dá nome a igreja: São Gonçalo. Mesmo não sendo muito grande, o espaço é agradável e tem recebido melhorias como piso, ventiladores, iluminação, pintura e reformas com recursos captados da renda das festas.

São Gonçalo nasceu em Tagilde – Portugal, em 1187 e viveu em Amarante, onde ficou mais conhecido. Santo violeiro, ficou conhecido pela forma que pregava

após ser ordenado pároco, com canções misturando danças populares com letras de caráter religioso, na língua do povo. Enquanto animava os bailes com suas canções, recolhia doações; com esses donativos ajudou muitas viúvas e moças sem dotes a conseguirem casamento. Também fez o mesmo para evitar que muitas prostitutas continuassem trabalhando; dizem que algumas ele até encaminhou ao casamento.



Em alguns locais a imagem do santo é representada da forma católica, ou seja, de batina, um cajado em uma mão e a bíblia na outra. No entanto, as imagens destinadas à Dança de São Gonçalo, na Comunidade São Gonçalo Beira Rio, são representadas com as vestimentas camponesas da época, de origem portuguesa: calção preso pouco abaixo do joelho, meia preta, bota braguesa (para andar em solo úmido) chapéu na cabeça, capa azul nas costas e viola na mão.

Figura 3. Imagem de São Gonçalo no interior da igreja
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

A justificativa encontrada para a representação do santo com estas vestes deve-se ao período que ele estava empenhado na construção de uma ponte sobre o rio Tâmega, na região onde viveu - Amarante. Ele ajudava na construção e ao final do dia de trabalho tocava viola para a conversão dos “pecadores”, e não tinha tempo para trocar de roupa.

São Gonçalo pregou e operou supostos milagres por todo o norte de Portugal; fundou sua igreja na cidade de Amarante, em Portugal. São Gonçalo faleceu em Amarante no dia 10 de janeiro de 1259; dia em que é comemorado a Festa de São Gonçalo em Cuiabá.

Após sua morte, começou a ser invocado para curar doenças de ossos, como santo casamenteiro das mulheres mais velhas, como patrono da fecundidade, como padroeiro dos violeiros, protetor dos curandeiros e dos navegantes, entre outros. A sentença de Beatificação foi promulgada em 1561. No entanto, o processo de canonização não foi concluído, sendo assim, a forma correta para denominá-lo é Beato Gonçalo, mas por tradição é chamado de São Gonçalo.

A festa de São Gonçalo é uma festa anual, comemorada por motivos logísticos no final de semana mais próximo ao dia do santo (10 de janeiro). É uma das mais

tradicionais da comunidade. Os preparativos iniciam-se a partir do término da festa anterior, intensificando-se nas proximidades da festa pública, cerca de três dias antes.



Figura 4. Mãos na massa
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

O preparo das guloseimas servidas no tradicional “chá co’bolo” do santo (uma espécie de café da manhã com comidas típicas da localidade), inicia-se nos dias que antecedem a festa. Tudo é preparado por voluntários, moradores ou não da comunidade: basta apresentar a iniciativa de colaborar com doações de ingredientes e/ou horas de trabalhos.

A Festa de São Gonçalo segue uma dinâmica ritualística, assim como a maioria das festas de santos. Para sua realização é necessário uma comissão de festa, composta por moradores da própria comunidade. Também há a formação da irmandade na qual qualquer um pode participar, ocupando os cargos específicos como rei e rainha da festa – que pagam uma quantia de pelo menos R\$250,00 e carregam os andores de São Gonçalo (homens) e a Nossa Senhora (mulheres) –, capitão de mastro – doa o mastro e carrega a coroa que vai ser colocada em cima do mastro –, alferes de bandeira – carrega a bandeira com o santo –, juiz e juíza de ramos – carregam um ramalhete –, dentre outros cargos, cada qual com seu valor monetário a ser investido na festa e na paróquia.

No decorrer da comemoração surgem devotos interessados em fazer parte mais efetiva da festa. A escolha de reis e rainhas, e de outros cargos, para a festa do ano seguinte, ocorre neste momento. Outras maneiras de levantar fundos para a realização da festa são as quermesses, rifas e outros eventos realizados no decorrer do ano. O dinheiro arrecadado é depositado na conta da comissão e é utilizado em benefício da igreja da comunidade.

A festa que era típica da comunidade, hoje é divulgada pela Prefeitura de Cuiabá, trazendo turistas até do interior do Estado. Tem caráter de espetáculo, com coreografia e ensaios antes da apresentação (Santos, 2009).

A festa de São Gonçalo foi considerada pela Prefeitura Municipal de Cuiabá como “manifestação popular de interesse para o patrimônio cultural do Município de Cuiabá”, através do Decreto Municipal nº2686 de 16 de dezembro de 1992, assinado pelo então prefeito municipal Frederico Carlos Soares de Campos.



Figura 5. Homens preparando a carne que será servida na festa
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

Nos dias dos preparativos para a festa as pessoas envolvidas na organização se dividem em grupos, de acordo com gênero e idade, e preparam o salão do centro comunitário, fazem bolos e biscoitos, limpam a igreja e a organizam, decoram o salão com bandeirolas coloridas, decoram o mastro com fitas de várias cores. As crianças que acompanham o trabalho de seus pais, tios e avós, contribuem espontaneamente com a organização do início ao fim.



Figura 6. Preparação para a festa
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.



Figura 7. Mulheres decorando o salão
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.



Figura 8. Procissão
Foto: Andressa Mirelli Monçale,

Nossa Senhora (carregado por mulheres). O ponto de partida é a varanda da casa de um dos moradores. Os fiéis acompanham cantando até chegar à igreja. Durante o trajeto são entoadas melodias religiosas e reza cantada ao som de ganzá, viola de choco e outros instrumentos.

O primeiro dia de festa se inicia com a procissão, que é acompanhada por tocadores que entoam cantos típicos da igreja católica e canções populares da comunidade; à frente seguem alguns participantes da organização e também crianças, carregando símbolos religiosos (bandeira do santo, coroa e flores) e dois andores, um com São Gonçalo (carregado por homens) e outro com



Figura 9. Igreja lotada para a missa
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

A procissão é recebida na igreja por mais devotos e o pároco responsável pela concretização da missa. Recepcionados por cantos de saudação, levam os andores, primeiro São Gonçalo e depois Nossa Senhora, que são colocados lado a lado em local específicos para a ocasião. A missa segue o ritual e o folheto de uma celebração comum dirigida pelo pároco, composta por um misto de elementos cristãos e populares. O número de pessoas é maior que os lugares disponíveis, mesmo assim os fiéis acompanham atentamente.

As crianças também participam, levando até o altar as ofertas religiosas que também caracterizam a população: a bíblia representando a fé e devoção, o pão simbolizando o alimento e a cerâmica que é a principal fonte de renda da comunidade.



Figura 10. Símbolos ofertados durante a missa - A cerâmica
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.



Figura 11. Símbolos ofertados durante a missa – A bíblia
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.



Figura 12. Símbolos ofertados durante a missa - O pão
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.



Figura 13. Chá com bolo
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

Após a missa é servido aos presentes o tradicional chá com bolo, gratuitamente. As pessoas se encaminham ao salão de festas ao lado da igreja, onde uma grande mesa está posta com bolos, biscoitos, leite e chá. Organizados em filas, todos recebem porções iguais do alimento e da

bebida.



Figura 14. Dança de São Gonçalo
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

Os festejos noturnos são abertos com a dança de São Gonçalo. É uma cerimônia coreográfica-religiosa realizada por diversos grupos. Além de festejar o santo, pagam promessas feitas a ele. Trata-se de uma oração longa, cantada e dançada por um grupo de fiéis, puxados por um casal, denominado capelão. Os dançarinos se organizam em duas fileiras, uma de homens e outra de mulheres, voltadas para o santo no altar. A fileira dos homens é encabeçada por uma mulher, que toca ganzá, e a das mulheres por um violeiro. São eles que dirigem todo o rito e cantam versos que são repetidos pelos participantes. São feitos movimentos por dentro e por fora das filas, batem as mãos e os pés, trocam os lugares e saúdam o santo: é uma forma de agradecimento. Essa reza dançada é apresentada durante a Festa de São Gonçalo: como a festa acontece em várias regiões brasileiras, a maneira de dançar é diferente em cada lugar, mas sempre há fileiras e o sapateado.

A dança de São Gonçalo, da comunidade de São Gonçalo Beira Rio, é realizada há mais de 50 anos e se mantém, até o momento, principalmente por causa da tradição oral que transmite as informações dessa manifestação; e assim, contribui para a memória coletiva da comunidade.

Como a dança de São Gonçalo pode ser encontrada em várias regiões do Brasil, com variações coreográficas diversificadas; aqui em Mato Grosso a dança volta-se para comemorar e homenagear o santo e não somente para pagamento de promessas ou para casar moças solteiras.

Um ponto marcante na festa é o levantamento do mastro, que começa com a chamada “brincadeira de cururu”, um ritual típico que se inicia de frente para o altar: os cururueiros cantam ao som de violas de cocho e ganzás versos em homenagem ao santo festejado. Neste momento são distribuídas velas para os devotos. As diferentes gerações se unem para ritmar o levantamento do mastro. Jovens tocam e cantam ao lado de seus avós. Esses gestos mostram que a tradição está sendo repassada com orgulho e prazer.



Figura 15. Os jovens participam de todas as etapas da festa
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.



Figura 16. Cururueiros que puxam a procissão em direção à subida do mastro
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 20112.

Os violeiros puxam a procissão do altar do salão até a frente da igreja, onde dá-se início a subida do mastro. Inserem-se símbolos sagrados no mastro do santo: a bandeira e a coroa; e então é erguido. Os fiéis depositam as velas aos pés do mastro enquanto os cururueiros tocam de costas para a multidão e de frente para o mastro.



Figura 17. Levantamento do mastro
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2012.

Faz parte do ritual o levantamento do mastro com a imagem de São Gonçalo. Enquanto os cururueiros tocam de costa para a multidão e de frente para a imagem, o mastro é levantado por mãos masculinas, jovens e adultos.

As velas depositadas ao pé do mastro nos mostra que além das chamas, a fé também continua acesa nos corações dos fiéis que esperam ter os seus pedidos atendidos. As crianças participam de todo o ritual, carregando a tradição de rezar e homenagear o santo de devoção familiar.



Figura 18. Velas ao pé do mastro
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.



Figura 19. Crianças aprendem a devoção ao santo
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.



Figura 20. Apresentação de siriri - O boi
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

siriri são a roda e a fileira.



Figura 21. Crianças participam das apresentações de siriri
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

adultos, ao primeiro sinal dos instrumentos.



Figura 22. A dança do siriri
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

sentir o vento que fazem o balanço das saias das dançarinas: são movimentos suaves seguindo o compasso da música.

Os grupos possuem de dez a quinze casais de dançarinos, com idades variadas, contando com jovens e adultos, sendo necessário o gosto pela tradição e a resistência física para acompanhar o

Em seguida, são realizadas as apresentações de siriri, uma dança em ciclos, de pares, com ritmo alegre e movimentado, obtido por meio dos instrumentos ganzá, viola de cocho e mocho, acompanhados por letras dotadas de significados traduzidos pela dança, que pode ser dançada por homens, mulheres e crianças de todas as idades. As duas coreografias básicas do

As crianças aprendem com seus familiares os passos da coreografia e participam da entrada do grupo. Mas por ser uma dança rápida, com muitos passos, as crianças ocupam um espaço seguro próximo ao altar enquanto o grupo desenvolve a apresentação em toda a dimensão do salão. É comum vermos crianças que mal aprenderam a andar vestidas a caráter já imitando os movimentos dos

O colorido das roupas, o movimento das saias rodadas e a alegria estampada nos rostos aumentam o encanto e a beleza do espetáculo, despertando assim o desejo de participar, seja cantando ou dançando, junto ao grupo que se apresenta. A leveza dos corpos às vezes nos dá a impressão de que os casais flutuam. É possível



Figura 23. Roda no siriri
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

ritmo acelerado da dança. As batidas dos instrumentos, dos pés e das mãos se confundem pela perfeita harmonia e combinação dos sons. Ora em roda, ora em fileiras, sem perder o ritmo e com movimentos rápidos, deixam os espectadores admirados.



Figura 24. A sopa do santo
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

Após todo esse ritual, é então servida em abundância e a todos a “sopa do santo”, a base de macarrão, carne e vegetais.



Figura 25. O baile
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2011.

O baile é aberto, com a presença de duplas sertanejas e bandas locais de lambadão⁵ e rasqueado⁶, que dura até a noite de domingo. Durante o baile são feitas rifas para arrecadar dinheiro e no domingo a comida e a bebida são comercializadas.



Figura 26. Descida do mastro
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2012.

Na noite da quinta-feira seguinte à festa é realizada a missa de encerramento das festividades e a descida do mastro, em que participam apenas as pessoas mais próximas da comunidade. Ao finalizar a missa, os andores de São Gonçalo e Nossa Senhora, que estavam no altar da igreja são carregados para o lado de fora, onde se encontra o mastro. Este ritual é

⁵ O lambadão é um estilo de música e dança característico da baixada cuiabana, especialmente nos municípios de Cuiabá e Várzea Grande, no estado de Mato Grosso. Característico da periferia, o ritmo tem influência da lambada adicionado movimentos com um grande aspecto sexual.

⁶ O rasqueado é um estilo de música e de dança regional do centro-oeste brasileiro. Esse ritmo recebeu influência da polca paraguaia e do siriri mato-grossense. Suas letras expressam diversas práticas sociais, tais como a culinária, linguajar, festejos e danças.

acompanhado pelos cururueiros, que tocam e cantam de forma diferenciada para cada parte do ritual. O mastro é descido, a bandeira e a coroa são retiradas e são colocadas de volta ao altar da igreja, juntamente com os andores.



Os fiéis desamarram as fitas que decoram o mastro e levam consigo, representando o pedido atendido. Nesta ocasião é servido no pátio da igreja um escaldado (sopa de frango ou peixe engrossado com farinha de mandioca e ovos), para a socialização dos fiéis.

Figura 27. Devota retirando fita do mastro
Foto: Andressa Mirelli Monçale, 2012.

A cultura não é algo inerte, ela está em constante evolução e modificação, pois responde as influências do seu contexto social e histórico; entretanto sua essência se mantém por meio dos repasses de geração a geração. Auxiliar neste ponto é possível e válido tanto para resgatar origens quanto para perpetuar a tradição. Muitos profissionais podem colaborar, mas a contribuição da área da comunicação social pode representar parte muito importante na difusão de informação e conhecimento além dos limites da oralidade face-a-face, considerado o principal propagador cultural, especialmente nas comunidades menores.

O curso de Comunicação Social me forneceu instrumentos e conhecimentos técnicos e teóricos que me habilitaram a retornar à comunidade pertencente as minhas memórias de infância, mas com novos olhos e objetivos mais claros.

O trabalho fotoetnográfico que desenvolvi sobre a festa de São Gonçalo pode servir de embasamento para a produção de um fotodocumentário, um videodocumentário, um livro de fotoetnografia, com as imagens do acervo pessoal montado durante a pesquisa em campo. Dará subsídios para futuros registros mais complexos da comunidade como um todo ou novos recortes e, até mesmo simples fonte de pesquisa. Porém, independente de quem tenha este trabalho em mãos, se ao finalizar a leitura, existir o entusiasmo da vontade de conhecer a comunidade in loco ou tiver curiosidade de saber mais sobre ela, meu papel social foi cumprido.



Despertar no poder público e na população, especialmente a cuiabana, a importância da comunidade São Gonçalo no contexto histórico e cultural do nosso meio é a forma mais eficaz para não deixar morrer as tradições; e esse despertar só é atingido se as pessoas associarem bons sentimentos ao que veem, escutam ou leem, pois fica o que significa.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotos e palavras, do campo aos livros*. Revista Studium., 2003.

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia – olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade: EDUC, 2002.

ANGUERA, MT. *Metodología de la observación en las Ciencias Humanas*. Madrid: Cátedra. 1985.

BATISTA, JC. *A Fotografia como Discurso: alteridade, etnografia e comunicação*. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, 2010.

BONI, Paulo César e MORESCHI, Bruna Maria. *Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico*. Universidade Estadual de Londrina, 2007.

CASTRO, SP. *A Festa Santa na Terra da Parentalha: Festeiros, Herdeiros e Parentes. Sesmaria na Baixada Cuiabana – Mato Grosso*. [Tese de doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

CASTRO, SP. *Modos de vida: ribeirinhos e camponeses do Pantanal Norte mato-grossense*. [Relatório Técnico Científico – Pós-Doutoramento Junior], 2008.

CICOUREL, A. *Teoria e Método em Pesquisa de Campo*. In: Berreman, ET AL. *Desvendando Máscaras Sociais*. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1990.

DIEGUES, ACS. *O mito moderno da natureza intocada*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec-Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001. 169p.

FERRO, Lígia. *Ao encontro da sociologia visual*. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

GEERTZ, Clifford. “Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados”. In, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.



GUARNER, B., Comunicación visual através de las imágenes. In: AGUIRRE, A. (Org.). Cultura e identidad cultural. Barcelona: Bardenas, 1997.

GURAN, Milton. Linguagem fotográfica e informação. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

JANUÁRIO, ERS. As Vidas do Ribeirinho. Cáceres: UNEMAT, 2006. 228p.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

MONÇALE, AG. “A doença como o vento”: Representações Sociais dos diabéticos moradores da Comunidade São Gonçalo Beira Rio – Cuiabá/MT. [dissertação de mestrado]. Cuiabá: Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso; 2012.

MOREIRA, E. Conhecimento Tradicional e a Proteção. T&C Amazônia. 5(11): 33-41, 2007.

NOVAES, Sylvia Caiuby, “O uso da imagem na antropologia” in Etienne Samain, O Fotográfico, São Paulo: Hucitec, pp.113-119, 1998.

PEIRANO, MGS. A favor da etnografia. Rio de Janeiro, Relume/Dumará, 1995.

RODRIGUES, JC. Tabu do corpo. 7 ed. (Coleção Antropologia e Saúde) Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 154p.

ROMANCINI, SR. *Entre o barro e o siriri: um estudo sobre o papel da mulher na cultura popular de São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá-MT*. Texto elaborado a partir dos resultados do projeto de pesquisa “Espaço e manifestações culturais na região de Cuiabá”, desenvolvido com o apoio da PROPEQ – UFMT/CNPq, no período de julho de 2003 a julho de 2005a.

ROMANCINI, SR. *Paisagem e simbolismo no arraial pioneiro São Gonçalo em Cuiabá/MT*. Espaço e Cultura. RJ: UERJ, 19-20: 81-87, 2005b.

SANTOS, G. *Cultura Popular e Tradição Oral na Festa de São Gonçalo Beira Rio*. Artigo apresentado no V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Bahia, 2009.